

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

Bruno de Oliveira Maroto

O Movimento Pentecostal no Brasil e no Chile de 1909 a 1950

Brasília

2016

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

O Movimento Pentecostal no Brasil e no Chile de 1909 a 1950

Monografia apresentada ao Departamento de História
do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de
Brasília para a obtenção no grau de Licenciado em
História sob a orientação do Prof. Dr. Jaime de
Almeida

Brasília
2016

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

O Movimento Pentecostal no Brasil e no Chile de 1909 a 1950

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jaime de Almeida
(Orientador)

Prof. Luiz Paulo Ferreira Noguerol

Prof. André Honor

Data da defesa: 14 de Dezembro de 2016

Brasília
2016

“Por que Dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente,
Amém”.

Paulo de Tarso à Igreja em Roma.

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade de cursar História na Universidade de Brasília, de poder ter uma boa qualificação para exercer a vocação a qual Ele mesmo que concedeu. Sou grato por Ele ter me acompanhado em todos os momentos de dificuldade e por me proporcionar vários momentos de alegria. A Ele todo canto. Soli Deo Gloria.

Quero agradecer aos meus pais que, mesmo com pouca instrução e recursos, me ensinaram e me guiaram até esse momento ímpar. Louvo a Deus pela vida da minha mãe, Osimar, por me ensinar o verdadeiro valor da dedicação aos estudos como um verdadeiro exemplo para minha vida, e ao meu Pai por ser um exemplo com um pai carinhoso e dedicado. À minha irmã Amanda, pela amizade e companhia e conselhos.

Quero agradecer aos meus amigos por todo estímulo para me auxiliar no período de graduação. Aos meus amigos Gisele e Evandro pelo intenso incentivo na dedicação aos estudos. Ao meu amigo Daniel Rodrigues que me aconselhou e revisou esse texto. Ao meu amigo Humberto pela companhia e amizade, ao meu amigo João Batista que em nossas diversas conversas sobre pentecostalismo, que me conduziram a essa monografia, ao meu amigo Jadilson pela companhia e estímulo na conclusão do curso.

Quero agradecer especialmente ao meu orientador, o Professor Jaime de Almeida que, desde o início, com muito ânimo, me apoiou e estimulou na pesquisa, aos meus amigos e verdadeiros historiadores Rodrigo Nunes que desde o início do curso me auxiliou na graduação, e à minha amiga Kathleen, que me ajudou na revisão do texto.

Sou grato a todos os docentes do departamento de História que com dedicação e excelência no ensino e na pesquisa me mostraram a grandiosidade em ser um Historiador.

Resumo

Esta monografia tem por objetivo analisar o crescimento do Movimento Pentecostal no Brasil e no Chile no período de 1909 a 1950. Esta manifestação religiosa dentro do protestantismo tem grande importância e impacto na cultura de ambos os países. No primeiro capítulo visou explicar a gênese do movimento pentecostal desde seus primórdios significativos na História da Cristandade, até ao simbólico avivamento da Rua Azusa. No segundo capítulo, será analisado o crescimento do movimento no Brasil e no Chile, devido à sua expressão no meio religioso até os dias de hoje. E, no terceiro capítulo faço uma análise dos fatores que levaram ao crescimento das denominações pentecostais no recorte cronológico abordado, em comparação aos demais segmentos do cristianismo da América Latina.

Palavras-Chave: Pentecostalismo, Rua Azusa, Batismo com o Espírito Santo, Brasil, Chile.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1. Origem do Movimento Pentecostal	10
1.1 O Pentecostalismo	10
1.2 Origens do Pentecostes	10
1.3 Montano	11
1.4 O Metodismo	11
1.5 Charles Fox Parham e a fundamentação bíblica do Batismo com o Espírito Santo	14
1.6 William Seymour: O profeta negro de Azusa	15
Capítulo 2. Cristianismo no Brasil e no Chile	18
2.1 Brasil	18
2.2 Congregação Cristã	18
2.3 Assembleia De Deus	20
2.4 Chile	22
Capítulo 3. Fatores do Crescimento do Movimento Pentecostal	27
3.1 Evangelismo e Oralidade	27
3.2 Um movimento de Massas	29
3.3 Adaptação Cultural	30
4.0 Considerações Finais	32
5.0 Bibliografia	35

Introdução

Desde a década de 1990, quando ligamos a televisão, em meio a toda essa programação tediosa, nos deparamos com algum pastor em algum canal, pregando fervorosamente, fazendo apelos emotivos, fazendo demonstrações de exorcismo e as famosas campanhas de orações criativas. Ao ligar o rádio, nos deparamos com alguma música *gospel* com forte influência da tradição nordestina em seus arranjos, ou ao som da velha viola que nos remete ao bucolismo do sertanejo. Mesmo tentando fugir desse ambiente evangélico, ele está em todo lugar, parece que é onipresente. Mesmo que a música em nosso rádio seja de outro ritmo, é constante a presença daquele vizinho pentecostal que gosta de ouvir música alta, e no fundo do seu íntimo, ele deseja de algum modo te evangelizar com essa canção. Ao entrar no ônibus ou no metrô, se levanta algum cidadão de vestes simples anunciando a mensagem da cruz.

Em periferias as igrejas pentecostais estão em todos os lugares. Até o início da década de 1990 eram mais comuns as placas das Assembleias de Deus, Deus é Amor, entre outras. Hoje existe toda forma de igreja pentecostal e neopentecostal. Ao refletir sobre essa forte tradição religiosa em nossa sociedade (da qual sou parte, desde que nasci meus pais já frequentavam uma Assembleia Deus). Como historiador em formação, pesquisei sobre o pentecostalismo no Brasil e a sua gênese nos Estados Unidos. Além desses países, o movimento pentecostal cresceu expressivamente no Chile devido à onda avivalista e à tradição metodista no país.

Tendo observado esses fatos, propus fazer este trabalho com o objetivo de entender a gênese do pentecostalismo e as suas ramificações pela América Latina. Ao observar que a expressão **mais** significativa foi no Chile e no Brasil, esse trabalho tem como objeto de estudo a análise do início e expansão desse movimento de 1909 até 1950. No primeiro capítulo é abordada a gênese do movimento pentecostal dentro da história da Igreja Cristã até a sua explosão no simbólico galpão da Rua Azusa em Los Angeles. No segundo capítulo apresentamos o surgimento no movimento pentecostal no Brasil e no Chile, em um período de obras missionárias empreendidas pelas Igrejas americanas que estavam experimentando o avivamento pentecostal. No terceiro e último capítulo, pretendo mostrar alguns fatores que

levaram ao rápido crescimento das denominações pentecostais em comparação aos demais segmentos cristãos, como as Igrejas protestantes históricas e a Igreja Católica Romana.

Não foi possível fazer um estudo exaustivo do caso, mas esse trabalho propõe contribuir para a comunidade acadêmica, na compreensão do surgimento e da expansão deste movimento tão significativo em nossa sociedade. O diálogo com outras áreas do saber, como a Sociologia e a Teologia, foi importante para a elaboração deste trabalho.

Capítulo 1. Origem do Movimento Pentecostal

1.1 O Pentecostalismo

O Pentecostalismo é um fenômeno social e religioso, considerado um dos mais revolucionários da História da Igreja (MATOS, 2006: p. 1), pois diferenciou-se da ortodoxia protestante tanto na liturgia de culto, quanto na interpretação do batismo com Espírito Santo. O seu impacto marcou o século XX tendo repercussões em vários países da América Latina. O seu marco inicial foi nos Estados Unidos em consequência do Segundo Grande Despertar Americano e de movimentos avivalistas dentro da Igreja Metodista, como o *Holiness*, que enfatizava a busca pela santidade (CAMPOS, 2005: p. 106). Posteriormente o movimento Pentecostal englobou essas manifestações religiosas com a busca pelo batismo com Espírito Santo com base na experiência narrada no segundo capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos. A ênfase nos dons espirituais e principalmente no dom de línguas estranhas¹ caracterizou o seu início em 1906 no simbólico Galpão na Rua Azusa em Los Angeles. A repercussão do Pentecostalismo se estendeu em outras regiões chegando ao Canadá, e alcançou uma grande expressão na América Latina, como alvo de obras missionárias empreendidas por igrejas norte-americanas e canadenses.

1.2 Origens do Pentecostes

O Pentecostes era uma comemoração judaica, na qual era celebrada a colheita; foi estabelecida no período mosaico e se perpetuou ao longo da história hebraica. No Novo Testamento, o Pentecostes ganha uma nova dimensão com o evento narrado em Atos 2. De acordo com o texto bíblico, após uma reunião de oração, o Espírito Santo desceu sobre os fiéis que oravam em um número aproximado de cento e vinte pessoas, e foram manifestadas línguas estranhas (glossolalia), de modo que pessoas de outras etnias compreendiam o que estava sendo dito pela boca dos “leigos galileus”. Esta manifestação como um “vento impetuoso” e “línguas como de fogo” marcou o Pentecostes naquele dia e, como o próprio apóstolo Pedro testificou em seu sermão, o que havia ocorrido era cumprimento da profecia

¹ Com o termo “glossolalia”, designa-se um falar sem significação semântica, mais facilmente comparável ao sonho, à dança ou música. Sua significação física e psíquica é subestimada por aqueles que não falam em línguas, e seu valor espiritual é igualmente subestimado por aqueles que a praticam (igrejas pentecostais e semelhantes). (GISEL, KAENNEL, 2016: 714)

de Joel (Jl 2.28-29), que “nos últimos dias, o Senhor derramaria o seu Espírito sobre toda carne, e os jovens teriam visões e os velhos profetizariam”. Este evento é um grande marco na história da Igreja Cristã.

1.3 Montano

No século II da era Cristã, surge o Montanismo, um movimento dentro da Cristandade responsável por uma busca por renovo carismático. Alderi Matos afirma que:

seu fundador, Montano, fez a alegação de ser o porta-voz do Espírito Santo que iria anunciar a volta de Cristo e a descida da Nova Jerusalém. Apelando para visões e profecias, ele e duas discípulas, Priscila e Maximila, exortaram os cristãos a se santificarem como preparação para o final dos tempos. A “Nova Profecia”, como o movimento se autodenominou, desprezou a “igreja católica”, com seus bispos, suas Escrituras e sua tradição nascente, alegando ter uma autoridade vinda diretamente do Espírito Santo. Excluídos da igreja majoritária, os montanistas organizaram-se separadamente, subsistindo por algum tempo. (MATOS, 2006: p. 2)

O montanismo resgatou na cristandade alguns pontos positivos para a ortodoxia cristã como o Espírito Santo e a Santificação (MATOS), mas radicalizou do ponto de vista teológico ao atribuir a si mesmo uma autoridade vinda do próprio Espírito Santo. Geralmente é atribuído ao montanismo um caráter de renovação carismática na Igreja primitiva.

1.4 O Metodismo

Com o advento da Reforma Protestante e o surgimento de várias denominações e confissões, o protestantismo ganhou novas proporções ao expandir-se pela Europa e ao chegar ao continente americano. Ao se estabelecer nesse continente, denominações derivadas diretamente da Reforma cresceram rapidamente nas colônias inglesas, como as Congregacionais, Presbiterianas e Batistas. No século XVIII, com o início da Revolução Industrial na Inglaterra e o êxodo rural concentrando grande massa de pessoas nos centros urbanos, a espiritualidade inglesa experimentou o Grande Despertar, liderada pelos irmãos John Wesley e Charles Wesley, e George Whitefield (CAMPOS, 2005: p. 105). Ao empreender pregações ao ar livre ao longo das terras britânicas, a influência de suas pregações chegou às colônias inglesas do novo continente. George Whitefield pregou por diversos lugares expondo as escrituras e marcando a chegada do Grande Despertar ao continente americano, no qual teve como grande parceiro para continuação deste avivamento o seu

amigo congregacional Jonathan Edwards, jovem pastor responsável por um dos sermões mais conhecidos da época: “Pecadores nas mãos de um Deus Irado”.

Devido ao empenho no estudo das escrituras e na prática da oração, os irmãos John Wesley e Charles Wesley fundaram um grupo de estudos dentro da Universidade de Oxford e ficaram conhecidos como metodistas, devido ao rigor e disciplina nos estudos e devoção. Após a morte dos irmãos Wesley, o movimento metodista ganhou uma grande massa de seguidores, e se tornou uma grande denominação que contribuiu para expansão do protestantismo na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Em meados do século XIX o Segundo Grande Despertar ganha uma grande dimensão nos Estados Unidos e na Grã Bretanha ao enfatizar a busca pela santidade e por experiências religiosas. Uma herança do Primeiro Despertar é o movimento *Holiness*, que enfatiza a vida em santidade, baseada na doutrina da Santidade de John Wesley.

O Segundo Grande Despertar americano é essencial para compreensão do movimento Pentecostal. A partir dele é possível entender a efervescência social, cultural e religiosa dos Estados Unidos no final do século XVIII e início do XIX, época em que surgem denominações pré-pentecostais e a fundamentação teórica da reivindicação desses movimentos. Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinícius de Moraes apontam que “o renascimento religioso na fronteira fortaleceu sentimentos de piedade e moralidade pessoal, mas não chegou a estimular a benevolência organizada ou manifestação por uma reforma social generalizada.” (FERNANDES & MORAIS: 2015: p. 118). No campo social, o segundo despertar enfatizou mais o aspecto religioso e moral, principalmente por grupos fundamentalistas.

Charles G. Finney (1792-1875) protagonizou esse segundo despertar ao enfatizar a busca pelo perfeccionismo e os seus métodos de evangelização. O avivamento promovido por Finney influenciou a mentalidade pentecostal até os dias de hoje, na espiritualidade emotiva, extasiante, e no pelagianismo² caracterizado em sua pregação, além do caráter milenarista de sua teologia. No aspecto social, Finney promoveu a luta contra a escravidão, opondo-se a dar a comunhão aos donos de escravos (FERNANDES & MORAIS, 2015: p. 119).

Outro componente importante e já citado é o movimento *Holiness*, movimento da Santidade, do perfeccionismo herdado do primeiro Grande Despertar e do legado dos irmãos Wesley. Muitas denominações metodistas, com variações em seu sistema de governo eclesiástico, encabeçaram este movimento. Além da ênfase na experiência da santificação e

² Doutrina desenvolvida por Pelágio da Bretanha (350-423) que assegurava que o pecado original só atingiu Adão, dando origem à discussão do livre-arbítrio e da graça.

da piedade individual, o movimento Holiness desempenhou um importante papel na responsabilidade social (HOLLENWEGER, 2016: p. 1.624) permitindo a participação de mulheres, negros e latinos na organização eclesiástica.

Foi no interior da Igreja metodista que a identidade pentecostal começou a ganhar formação, na busca pela santidade, por experiências espirituais, o nascer de novo e a ênfase no batismo com o Espírito Santo. Dentro da efervescência espiritual norte-americana, juntamente com as transformações sociais aceleradas com a conglomeração industrial e a entrada de imigrantes, a Igreja Metodista ganhou uma grande massa de seguidores e depois se transformou em denominações que deram início ao movimento pentecostal, como mostra Leonildo Silveira Campos:

essa situação, principalmente no interior da Igreja Metodista, causou inúmeros confrontos, resolvidos somente a partir de 1885, quando começaram a surgir igrejas autônomas, que adotaram o nome de “igrejas *holiness*”. Uma parte delas se tornaria igrejas tipicamente pré-pentecostais, quando então já se prenunciava no horizonte um salto de qualidade que se concretizaria com a chegada da “era pentecostal”: Church of God (Cleveland, 1886); United Holy Church of América Inc. (1886); Fire Baptized Holiness Church (1898); Pentecostal Holiness Church (1899); Pentecostal Union (1901). Algumas dessas igrejas iriam aderir oficialmente ao movimento pentecostal nos anos seguintes, seguindo os modelos implantados por William Seymour, em Azusa Street, a partir de 1906. (CAMPOS: 2006, p. 106)

Ainda em seu artigo, Leonildo Campos busca descrever como o pentecostalismo brasileiro é fruto de diversos movimentos religioso norte-americanos e não se reduz apenas ao que aconteceu na Rua Azusa. O pentecostalismo é fruto direto dos dois grandes avivamentos religiosos, assim como muitos teólogos destacam a figura de John Wesley como desenvolvedor dos princípios que vão possibilitar as bases da Teologia Pentecostal (CAMPOS JR, 1995: p. 21), já que esta tem como influência o arminianismo wesleyano³ e o avivamento espiritual.

O Segundo Despertar influenciou muito o ideário religioso pentecostal na ênfase e na busca por experiências espirituais, motivadas em encontros em templos e reuniões em campo

³ A tradição arminiana surge com o teólogo holandês Jacó Armínio (1560-1609), ao propor uma nova interpretação da doutrina da salvação calvinista, na qual as igrejas holandesas seguiam os padrões confessionais da Confissão Helvética e do catecismo de *Heidelberg*. John Wesley popularizou essa visão soteriológica na crença do livre arbítrio e da graça preveniente, diferenciando-a da tradição calvinista, da crença nas doutrinas da eleição e da predestinação predominante entre alguns anglicanos que seguiam os padrões de fé dos 39 artigos de fé da Igreja Anglicana, das igrejas presbiterianas que seguiam os símbolos de fé de *Westminster* e das igrejas congregacionais que seguiam os padrões de fé da confissão de Savoy.

aberto pela busca de poder e experiência pentecostal. Como Leonildo Campos afirma, a efervescência religiosa do final do século XVIII e do XIX proporcionou um grande impacto social no cotidiano dos americanos.

Do ponto de vista teológico, o movimento *Holiness* acreditava que a conversão era a primeira bênção e a santificação seria a segunda bênção, que visava à perfeição completa do cristão. A busca pela experiência pentecostal foi aos poucos englobada pelo movimento *Holiness*, evidenciando que a origem do Pentecostalismo não é um resultado isolado dos acontecimentos na Rua Azusa, mas foi um aglomerado de acontecimentos que resultaram no Pentecostalismo Clássico⁴.

No interior do meio metodista, a discussão sobre a experiência do batismo e da santificação ganhou novas proporções, criando a distinção da terceira bênção, que era a experiência pentecostal. Alderi de Matos sintetiza essa discussão:

apesar da possibilidade de influências como o puritanismo e o pietismo, a maioria dos autores considera que a origem básica do movimento pentecostal se encontra no metodismo wesleyano, e especificamente na doutrina mais característica de João Wesley: a “inteira santificação” ou “perfeição cristã”, um conceito que ele também descrevia em termos de “a mente de Cristo”, “plena devoção a Deus” ou “amor a Deus e ao próximo”. Wesley via essa experiência como um alvo a ser buscado ao longo da vida cristã, embora tenha hesitado em concluir se era fundamentalmente um processo ou um evento instantâneo. (MATOS: 2006, p. 3)

1.5 Charles Fox Parham e a fundamentação bíblica do Batismo com Espírito Santo

Charles Fox Parham (1873-1929) foi um pastor metodista que saiu da denominação por crenças pessoais acerca da cura divina e passou a vida se dedicando a obras missionárias, quando se instalava em tendas promovendo pregações extasiadas e a busca pela cura divina. Parham é um personagem emblemático nesse processo, embora tenha sido obscurecido pela historiografia do movimento pentecostal (CAMPOS, 2005: p. 104), sendo na verdade o grande mentor deste movimento.

Em 1900 e 1901, na cidade de Topeka no Kansas, quando era diretor-fundador da *Bethel Bible College*, cujo foco era instruir jovens para o trabalho missionário, Parham enfatizava aos seus alunos que era necessário experimentar a terceira bênção, que seria o

⁴ Paul Freston dividiu o Pentecostalismo brasileiro em três ondas (FREESTON, 1994: p. 70): a primeira onda, que se desenvolveu de 1910 a 1950, é caracterizada pela ação missionária estrangeira no Brasil que fundou a Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911). Essa primeira etapa inclui igrejas da chamada segunda onda entre elas estão O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Deus é Amor (1962). Do ponto de vista teológico, essa distinção também é caracterizada pela ênfase dada ao Batismo com Espírito Santo, a glossolalia e a cura divina.

batismo com o Espírito Santo e, se fosse possível, mostrar uma evidência bíblica sobre o Batismo com o Espírito Santo. Suas ideias eram propagadas pelo jornal *The Apostolic Faith*, que enfatizava a experiência pentecostal, de acordo com o relato bíblico do livro dos Atos dos Apóstolos. Num encontro com seus alunos em uma vigília de oração, a estudante Agnes Ozman Laberge falou em “línguas estranhas”, comprovando a tese de Parham sobre a evidência física do Batismo com Espírito Santo.⁵

Em 1905, Charles Parham se mudou para o Texas, e lá formou a escola bíblica de Houston, com as mesmas ênfases do primeiro seminário em Topeka. William Seymour se tornou aluno desse instituto, tendo que assistir às aulas do lado de fora da sala, por ser negro e filho de ex-escravos, pois na época estavam vigentes as leis “*Jim Crow*”, que impunham uma ferrenha segregação racial que se refletia no caráter racista e preconceituoso de boa parte da população americana, incluindo o próprio Parham.

Boa parte da influência de Charles Parham é fruto da herança do Segundo Grande Despertar e do Movimento *Holiness* que provocaram grandes transformações no contexto religioso do final do século XIX e início do XX. Essa efervescência religiosa e social moldou a mentalidade de Parham, que em seu instituto enfatizava a experiência pentecostal do Batismo com o Espírito Santo e a cura divina, além do caráter milenarista de sua doutrina.

1.6 William Seymour: o profeta negro de Azusa

William Seymour (1870-1922), filho de ex-escravos, nasceu em Centerville, Louisiana que, de acordo com Leonildo Campos, era um ambiente hostil, no pós Guerra Civil. Ali, boa parte da população era formada por ex-escravos e sofria intensa discriminação racial, além da perseguição por grupos extremistas como o *Ku Klux Klan*. Nasceu em uma família de origem católica, tornando-se protestante na adolescência. Aos 25 anos se mudou para Indianápolis, onde se tornou membro da Igreja Metodista Episcopal. Posteriormente, mudou-se para Houston, onde frequentou uma igreja ligada ao movimento *Holiness*, pastoreada por uma mulher, Julia W. Hutchins, que depois transferiu a liderança para Seymour. Mais tarde, Charles Parham mudou o seu instituto para Houston e Seymour assistia às aulas no corredor,

⁵ Segundo Charles Parham, o Batismo com o Espírito Santo era uma experiência testificada pelas Escrituras conforme o relato de Atos 2, e a evidência física deste Batismo era o falar em “línguas estranhas”, conforme está relatado em Atos 10.45-46 que, de acordo com Parham, era o sinal externo do batismo com Espírito Santo.

pois Parham acatava prudentemente as normas racistas da época conforme relatam Burgess e McGee (1995, p.780 apud CAMPOS, 2005, p.111)

A partir do contato com Parham, William Seymour bebeu da influência pentecostal, juntamente com a influência do movimento Holiness, e foi para Los Angeles onde começou a pregar em uma igreja de nazarenos⁶, mas logo foi proibido de falar, pois a nova doutrina era escandalosa para os protestantes mais conservadores (CAMPOS JR, 1995: p. 23). Após esse incidente, Seymour retomou os cultos em sua casa e logo teve que se mudar para um local maior, pois a doutrina do Batismo com Espírito Santo ganhou muitos adeptos rapidamente. Foi quando Seymour alugou um barracão na Rua Azusa, que ficou conhecido como *Mission Faith Apostholic*.

O templo na Rua Azusa é o grande símbolo do Pentecostes americano. Os jornais da época apelidaram o local de “babel das línguas”, com a intenção de zombaria, mas ao final fizeram propaganda para o movimento. Na igreja de Seymour não havia a barreira racial, brancos, negros e latinos participavam das reuniões em busca de experiências espirituais, e participavam da liderança eclesiástica da igreja.

Levando em consideração o ambiente hostil de preconceito racial americano nesse período, o movimento pentecostal tem um ponto significativo nesse aspecto. Membros de outras denominações visitavam a igreja por curiosidade ou para criticar, e se tornavam membros ativos. Os cultos eram marcantes, como relata Alderi Matos:

as reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. Até setembro, 13.000 pessoas passaram pelo local e ouviram a nova mensagem pentecostal. Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que estava ocorrendo e muitos deles acabaram se rendendo ao que presenciaram. (MATOS: 2006, p. 3)

Esse fervor na espiritualidade pentecostal ganhou muitos adeptos, o que fez com que o movimento se espalhasse além da Rua Azusa, surgindo outras denominações. O movimento entrou em declínio a partir da morte de William Seymour em 1922, e de sua esposa Jennie em 1936. O templo foi demolido; mais tarde, como marco do movimento, que durou de 1906 a 1931, foi colocada ali uma placa pelo Comitê Memorial da Rua Azusa.

⁶ Denominação que surgiu pela influência do Segundo Despertar Americano e do movimento de Santidade (Holiness), e tem características teológicas da doutrina wesleyana e de princípios metodistas.

O pentecostalismo da Rua Azusa não se restringiu à cidade de Los Angeles e aos Estados Unidos, rapidamente ele ganhou muitos adeptos e promoveu grandes movimentos missionários, espalhando a doutrina do Batismo Espírito Santos pela América Latina. A Assembleia de Deus, é uma denominação que surgiu em Hot Springs, Arkansas com a segregação de brancos que se separaram. Nos Estados Unidos várias denominações vão surgir após esses eventos:

nos Estados Unidos, as primeiras denominações pentecostais foram, entre outras: a Igreja de Deus de Camp Creek (Carolina do Norte), a Igreja de Deus de Cleveland (Tennessee), a Igreja da Fé Apostólica (Portland, Oregon) e as Assembléias de Deus (Hot Springs, Arkansas). Um líder extremamente importante foi William H. Durham, de Chicago, cidade que teve grande influência na internacionalização do movimento. (MATOS: 2006, p. 6)

William H. Durham é um personagem fundamental na compreensão da transição do Pentecostalismo americano para a América Latina, pois foi por intermédio dele que missionários chegaram a países latinos, como no caso de Luigi Francescon, que levou a doutrina pentecostal até a Argentina, e no Brasil, fundando a Congregação Cristã. Ainda no Brasil, os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren fundaram a Assembleia de Deus.

2. O Pentecostalismo na América Latina

No início do século XX o cristianismo já estava estabelecido na América Latina. O catolicismo chegou juntamente com os primeiros navegantes portugueses e espanhóis e, após a Reforma Protestante, as denominações protestantes empreenderam movimentos missionários para alcançar o continente americano. Neste breve estudo, o alvo é uma análise comparativa do Movimento Pentecostal no Brasil e no Chile, pois no momento é inviável uma análise completa do pentecostalismo em toda a América Latina. Em consequência do Avivamento da Rua Azusa que rapidamente se expandiu por toda América, ele chegou à América Latina trazida por missões patrocinadas por denominações evangélicas que beberam daquele avivamento. Como GONZÁLEZ & GONZÁLEZ (2010, p. 400) afirmam, “o movimento Pentecostal na América Latina ao longo dos cem anos seguintes, mudaria radicalmente o panorama geral do Cristianismo”.

2.1 Brasil

No Brasil os fundadores do Movimento Pentecostal foram Daniel Berg e Gunnar Vigren, que fundaram a Assembleia de Deus, e Luigi Francescon, que fundou a Congregação Cristã. Todos ouviram pregações do mesmo pastor: William Howard Durham (CAMPOS JR: 1995, p. 27). Eles receberam por revelação divina a incumbência de iniciar uma obra missionária na América Latina.

2.2 Congregação Cristã

Luigi Francescon, nascido em 29 de março de 1866, em Cavasso Nuovo, na província de Udine na Itália, migrou para os EUA em 1890. Participou de reuniões e cultos dirigidos por um grupo de italianos valdenses no *RoailRoad YMCA Hall* e se converteu do catolicismo para o presbiterianismo (ARAÚJO: 2007, p. 321), sendo um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago (LÉONARD: 2002, p. 378). Após frequentar reuniões pentecostais lideradas por William H. Durham, na Missão da Avenida Norte, recebeu o batismo com o Espírito Santo. O próprio Durham profetizou que Francescon pregaria a mensagem pentecostal para o povo italiano. Após uma divina revelação, Francescon e G. Lombardi viajaram para a Argentina e fundaram a Igreja *Asamblea Cristiana en la Argentina*,

que não prosperou como o similar brasileiro (Congregação Cristã do Brasil), mesmo contando com uma comunidade italiana muito maior (FRESTON: 1994, p. 101).

Em 1910, Francescon e Lombardi chegaram a São Paulo e visitaram as colônias italianas e não obtiveram muito sucesso em sua pregação pentecostal. Lombardi voltou para a Argentina e Francescon foi a Santo Antônio da Platina, no Paraná, onde conseguiu algumas conversões. Em junho de 1910, voltou para São Paulo e teve contado com a Igreja Presbiteriana do Brás, onde a mensagem pentecostal foi rejeitada por boa parte dos membros devido à tradição calvinista, mas ele conseguiu alguns adeptos; assim, surge a Congregação Cristã com 20 membros.

Deste proselitismo, membros de outras denominações abraçaram a doutrina pentecostal e assim foi fundada em colônias italianas em São Paulo a Congregação Cristã do Brasil. Rapidamente ela ganhou espaço entre os paulistanos e se popularizou por meio não apenas do proselitismo mas também do evangelismo.

o crescimento da Congregação Cristã foi rápido, iniciando-se pelos estados do sul, atingindo as colônias de imigrantes italianos. Francescon fora operário e, portanto possuía linguagem simples, conseguindo assim atrair, no início de seu movimento, os setores mais pobres da população. Mas esse ramo pentecostal não ficou restrito as camadas mais pobres, atualmente empresários e uma parte diminuta da classe média fazem parte dela. (CAMPOS JR: 1995, p. 28)

Francescon nunca residiu no Brasil, mas fez onze viagens entre 1910 a 1948. Outro ponto de destaque são as peculiaridades litúrgicas e costumes da Congregação Cristã, em que ela rejeita modelos de divulgação. Os sucessos ou fracassos da igreja estão firmados na convicção da predestinação, resquício da doutrina calvinista dentro desta denominação pentecostal, visto que Francescon era de origem presbiteriana. Não existe a figura do Pastor, assim como um modelo eclesiástico tradicional, existe o “Ancião” que é a autoridade da Igreja, os anciões não são sustentados por dízimos. Émile Léonard aponta para o Iluminismo religioso⁷, retirando a autoridade central da escritura como em outras denominações tradicionais que seguem o princípio *sola scriptura*⁸, e apela para a preponderância da inspiração direta. Este pensamento afeta a pregação e a organização da igreja, pois a liderança é por antiguidade, muito parecida com uma gerontocracia, e existe uma forte influência da tradição oral.

⁷ Iluminismo Protestante é orientação quanto a prática religiosa por meio da iluminação do entendimento promovida por meio de experiências religiosas, uma das características fundamentais do Pentecostalismo brasileiro.

⁸ Princípio estabelecido na Reforma Protestante onde a Escritura Sagrada é a única autoridade revelada de fé e prática.

... de origem paulista, as Congregações cristãs do Brasil são, sobretudo, numerosas no Estado de São Paulo e sua dependência, o Norte do Paraná; são representadas em Minas, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro. Nas regiões do Norte, naturalmente, ressentiram-se da falta de bases italianas e da presença do outro ramo pentecostal, o das assembleias de Deus. De modo que é, sobretudo, a região Paulista que constitui seu apanágio. (LÉONARD: 2002, p. 379).

Até 1940 a Congregação Cristã foi a denominação protestante predominante no território brasileiro, cresceu rapidamente em comparação com a Assembleia de Deus (FRESTON: 1994, 103) devido à rápida aceitação nas colônias italianas, (CAMPOS JR: 1995, 28), além de ser interiorana: boa parte dos templos se concentram nas regiões do interior em comparação com os templos distribuídos nas capitais, como mostra Paul Freston (1994, 103). Boa parte de sua expansão foi devida à aceitação da doutrina pentecostal por parte de brasileiros, como afirma ROLIM (1985, p. 39): “o enraizamento da Congregação foi, sem dúvidas, tarefa de italianos e seus descendentes. Sua expansão, porém, foi obra de brasileiros conversos.”

Outro ponto que vale destaque é a dificuldade de fontes sobre a Congregação Cristã, diferente de outras denominações pentecostais que possuem meios de propagação de informação como jornais e documentos, como é o caso da Assembleia de Deus que tem o jornal Mensageiro da Paz e a editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

2.3 Assembleia de Deus

Daniel Gustav Högberg era sueco, partiu para os Estados Unidos no fluxo migratório que ocorreu ao longo do século XIX e início do XX, devido à pobreza e à fome que havia no país (GONZÁLES & GONZÁLEZ: 2010, p. 415). Chegou aos Estados Unidos em 1902. Adolph Gunnar Vingren chegou um ano depois. Vingren estudou Teologia no Seminário Batista Sueco, e se tornou pastor da Igreja Batista de Menominee em Michigan. Em uma conferência em Chicago, após ouvir a pregação pentecostal do Pastor William H. Durham (CAMPOS JR. 1995: 30), na igreja influenciada pelo avivamento da rua Azusa, Gunnar Vingren tentou conduzir a sua Igreja em Menominee, mas encontrou sérias resistências e teve que deixar o pastorado (VINGREN: 2010, p. 26). Após esse evento assumiu a Igreja Batista em South Bend, onde conheceu Daniel Berg, que era operário nos Estados Unidos. Não

possuía uma formação acadêmica e teológica como Gunnar Vingren, mas estavam dispostos a entrar na obra missionária.⁹

Em 1909, em uma reunião de oração, Daniel Berg e Gunnar Vingren ouviram uma profecia enunciada pelo membro Adolfo Uldin, de que deveriam partir para um trabalho missionário no Pará (VINGREN, 2010, p. 27). Berg e Vingren não sabiam a localização desse lugar, e assim, foram a uma biblioteca pesquisar em onde ficava tal cidade. Viajaram para Nova York e embarcaram rapidamente no navio *Clement* rumo ao Brasil. Em 1909, chegaram a Belém do Pará sem conhecer a língua portuguesa.

Ali chegando, foram guiados até a casa do pastor metodista Justus Nelson, que ao saber que os missionários eram batistas, levou-os até a Igreja Batista de Belém, cujo pastor era Jerônimo Teixeira de Sousa (ARAÚJO: 2016, p. 36) e os convidou para morar em sua casa. Daniel Berg e Gunnar Vingren começaram a estudar a língua portuguesa e mantinham o contato com os membros da Igreja Batista. O objetivo não era abrir outra igreja, mas era a pregação do batismo com o Espírito Santo. A pregação não foi muito aceita por parte das autoridades da Igreja Batista, resultando na exclusão de 13 membros que acreditaram na pregação pentecostal, como explica Isael de Araújo:

no entanto, o batismo no Espírito Santo da crente batista Celina Albuquerque, na madrugada do dia 2 de junho de 1911, e também da irmã Maria de Nazaré, que ocorreu no mesmo dia, à noite, fizeram surgir uma discussão na Igreja Batista de Belém, que culminou na expulsão de 13 membros, no dia 13 de junho de 1911. No dia 18 do mesmo mês e ano, domingo, com 18 pessoas presentes mais Vingren e Berg, nasceu na casa de Celina Albuquerque, a Missão da Fé Apostólica, que, em 11 de janeiro de 1918, foi registrada oficialmente como Sociedade Evangélica Assembleia de Deus. (ARAÚJO: 2016, p. 34)

Após a sua fundação, a Assembleia de Deus cresceu de modo muito tímido em comparação com a Congregação Cristã que foi o segmento pentecostal dominante no Brasil até 1940 (FREESTON: 1994, p. 82). A partir de 1914, outros suecos começaram a chegar para auxiliar Vingren e Berg, e a liderança da denominação é majoritariamente sueca até 1940. Havia também um apoio financeiro estrangeiro e uma quantidade expressiva de famílias missionárias trabalhando principalmente nos estados do Norte e Nordeste do país.

A expansão moderada que se concentrou ao norte e nordeste, onde havia grande resistência devido à tradição católica regional. Em sua primeira Convenção Geral em 1930, a

⁹ Uma característica marcante no movimento pentecostal é a autoridade dada a pregadores leigos. Dentro da cultura pentecostal, o que predomina não é a formação acadêmica, mas a disposição a ser um servo de Deus na obra.

liderança brasileira foi expressiva, contando com 23 líderes brasileiros e 11 missionários suecos (FRESTON: 1994, p. 83), passando “todos os templos e salões de reuniões da missão” para as igrejas brasileiras.

Sua concentração no Nordeste é significativa, pois por meio dela foi possível uma nacionalização da igreja, contribuindo para o crescimento das lideranças nordestinas em detrimento dos líderes suecos, como afirma Freston:

Essa nacionalização ocorreu quando a igreja ainda era muito nortista/nordestina, o que contribuiu para sedimentar uma característica que subsiste até hoje. Na sala de espera do gabinete pastoral da Igreja de São Cristóvão, Rio de Janeiro, há retratos de todos os pastores-presidentes da igreja desde a fundação. Até certo momento, as fisionomias são nórdicas; depois, são típicas do Norte e Nordeste brasileiros. Uma proporção alta da cúpula nacional é de nordestinos, geralmente de origem rural. A mentalidade da AD carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural; e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60. (FRESTON: 1994, p. 84)

A Assembleia de Deus carregou em sua organização eclesiástica vários elementos pertinentes à cultura política local, como caudilhismo, coronelismo e oligarquia além de uma dura rigidez em relação aos “usos e costumes” (FRESTON: 1994, p. 86). Havia uma resistência quanto ao estudo teológico. A partir da década de 1930, a Assembleia de Deus teve um grande contato com missionários teólogos norte-americanos e se tentou a implantação de seminários bíblicos e com o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD) em 1958 e a Escola de Ensino Teológico das Assembleias de Deus (EETAD) em 1979.

2.4 Chile

O protestantismo chegou ao Chile no início do período de Independência em 1810, em que foram cortados os laços com a Espanha. Em 1821 chegaram os primeiros missionários batistas no país (CAMPOS JR.: 1995, 59). Boa parte dos protestantes eram estrangeiros (GONZÁLES & GONZÁLEZ: 2010, p. 401) devido à grande quantidade de imigrantes alemães e de missionários norte americanos (as missões batistas e luteranas). Essas igrejas dependiam financeiramente de ajuda externa, faziam parte de trabalhos missionários empreendidos por igrejas americanas e alemãs que se fixaram no país. GONZÁLES & GONZÁLEZ (2010, p. 401) afirmam que “o protestantismo tinha entrado no país em associação com o liberalismo, que por sua vez era forte principalmente entre a classe média emergente formada por industriais, comerciantes e profissionais liberais”.

Diferente das demais denominações protestantes no Chile, o metodismo segue um caminho inverso, pois ele alcança um crescimento extraordinário devido às diretrizes estabelecidas por William Taylor¹⁰, pois trouxe missionários americanos para o trabalho no Chile, esses missionários metodistas tinham tendências avivalistas e eram fortemente influenciados pelo movimento *Holiness*. Essas características são fundamentais para propiciar um ambiente propício para o crescimento do movimento pentecostal.

Os esforços da Junta de Missões da Igreja Episcopal Metodista dos Estados Unidos gerou um crescimento do metodismo no Chile, principalmente pela renovação das lideranças e com a presença do Pastor Willis Hoover, que chegou a Iquique em 1889, e em 1902 foi designado ao serviço pastoral em Valparaíso (URTUBIA: 2016, p. 269). Hoover enfrentou grandes dificuldades com o trabalho após seu retorno dos Estados Unidos em 1904, onde foi influenciado pela onda avivalista americana (GONZÁLEZ & GONZÁLEZ: 2010, p. 403): houve um surto de epidemia, um terremoto em 1906 que destruiu grande parte da cidade, mas em meio a essas circunstâncias a igreja se desenvolveu por meio de uma liderança constituída por pregadores leigos, sem escolaridade ou formação teológica avançada, mas que eram pregadores com fortes convicções e persuasão.

Em 1908 é inaugurado o maior templo metodista do Chile, com capacidade para mais de mil pessoas. Por meio de um panfleto, Hoover conheceu a Doutrina do Batismo com o Espírito Santo, e na reunião de oração, com a convicção do ensino abordado no panfleto, Hoover relata a experiência decisiva:

depois de começar o encontro, houve um convite a oração, com as palavras usuais, e esperava-se que uma pessoa comesse a orar, depois outra orasse e assim por diante, como era o nosso costume. Mas não foi o que aconteceu dessa vez; ao contrário, todos ao mesmo tempo começaram a orar em alta voz, como se isso tivesse sido planejado de antemão. Foi como se a oração de um ano inteiro tivesse sido armazenada, e tudo que se podia fazer agora era quebrar o recipiente e espalhar o seu conteúdo. Esse burburinho “como de muitas águas” durou dez ou quinze minutos, e pouco a pouco foi se acalmando, e um a um fomos nos levantando. Creio que todos ficaram tão surpresos quanto o pastor [o próprio Hoover]; mas eles também, assim como o pastor, sabiam que isso era uma manifestação do Espírito Santo.¹¹

Essa experiência foi um marco no Metodismo chileno, embora não existam comprovações de que esse movimento tenha tido algum contanto direto com os

¹⁰ William Taylor desenvolveu um método de igreja autossustentável no Chile, onde ele recrutava missionários nos Estados Unidos para que viessem ao Chile e ganhassem seu próprio sustento. Boa parte destes missionários não tinha grande formação acadêmica, geralmente eram pregadores leigos que estivessem aptos para o trabalho missionário.

¹¹ D'EPINAY: 1970, 17

acontecimentos da Rua Azusa como afirmam GONZÁLEZ & GONZÁLEZ (2010, p. 404) e Urtubia (2016, 269). Esses tipos de manifestação religiosa dentro dos cultos foram cada vez mais frequentes, o falar em línguas (glossolalia) se tornou comum nos cultos e nas reuniões de oração. Pregações fervorosas, orações extasiadas, a prática de testemunhos eram comuns nos cultos da Igreja Metodista, marcas que testificam o movimento pentecostal chileno. Em Santiago também houve manifestações semelhantes à de Valparaíso.

Esse repentino avivamento nas igrejas metodistas chamou a atenção das autoridades centrais da denominação. Na Conferência anual no ano de 1910, as lideranças se reuniram em Valparaíso e duras acusações foram feitas contra o Pastor Hoover, como a de insubordinação e de heresias. Boa parte das lideranças não aceitaram esse avivamento, e rejeitaram a doutrina do Batismo com o Espírito Santo, acusando-o de práticas anti-metodistas. Devido às acusações, Hoover renunciou, mas o bispo não aceitou a sua renúncia.

A congregação da qual Hoover era pastor deixou a Igreja Metodista e pediram que ele pastoreasse esse grupo, como afirma D'EPINAY (1970, p. 54):

os dois grupos dissidentes de Santiago haviam enviado uma delegação à Conferência de Valparaíso. A delegação foi ouvida, mas nunca o assunto chegou a um tribunal eclesiástico. Foi então quando os dissidentes da primeira Igreja Metodista em Santiago se constituíram em Igreja Metodista Nacional, seguindo rapidamente um segundo grupo. Ambos então concordaram em pedir que Hoover lhes assegurasse a sua direção espiritual, pressionando-o para que não fosse aos Estados Unidos. Em 17 de abril Hoover tomou esta decisão e se retirou com os fiéis dissidentes.

GONZÁLEZ & GONZÁLEZ (2010, 407) ainda complementam, relatando a formação da Igreja Metodista Nacional e as congregações sob o comando do Pastor Hoover:

os eventos em Santiago seguiram uma trajetória paralela. Tendo ouvido sobre a rejeição das práticas pentecostais pela Conferência Anual, os dois grupos de inclinação semelhantes na capital decidiram deixar a igreja metodista. Os que deixaram a Primeira Igreja Metodista se tornaram a Primeira Igreja Metodista Nacional, e os que deixaram a Segunda Igreja Metodista se tornaram a Segunda Igreja Metodista Nacional. Então eles convidaram Hoover a ser o superintendente da denominação que nascia. Hoover aceitou, e a Igreja Metodista Pentecostal se tornou uma nova denominação, agora com três congregações.

A nova Igreja Metodista sob a superintendência de Hoover ficou no comando até 1932. Essa denominação pentecostal que nasceu de um cisma dentro do metodismo assumiu-se como a legítima Igreja Metodista, firmada sob o Batismo com o Espírito Santo conforme está relatado em Atos 2, e seguindo a fidelidade avivalista dos Irmãos Wesley, alegando que “o metodismo chileno havia perdido seu misticismo, conservando uma piedade fria e moral estática” (CAMPOS JR: 1995, p. 60).

GONZÁLEZ & GONZÁLEZ ainda afirmam que a cisão com a Igreja Metodista tradicional e a tendência nacional dentro da Igreja Metodista não é apenas reflexo do embate teológico quando ao Batismo com o Espírito Santo, mas que também é um reflexo das demandas sociais e culturais que o pentecostalismo chileno conseguiu atender (2010, p. 408). A oralidade pentecostal, a assimilação cultural e a flexibilização na composição das lideranças fez com que a Igreja Metodista Pentecostal ganhasse uma maior quantidade de membros.

A oralidade é um fator fundamental nesse processo de expansão, as pregações, o evangelismo e adaptação cultural em uma sociedade predominantemente oral garantiram um crescimento exponencial. Além da participação das massas nesse processo, pregadores leigos, pastores iletrados compondo a liderança, a participação de mulheres como pregadoras contribuíram para esse desenvolvimento. Devido a todos esses processos a Igreja Metodista Nacional atribui a si a honra de ter sido a primeira igreja pentecostal independente e autossustentada do Terceiro Mundo.

O Processo do surgimento do movimento pentecostal no Chile é intrigante, pois revela a sua capacidade de transformação social, transformando por meio das massas as estruturas rígidas de segmentos eclesiásticos mais tradicionais, mas ao mesmo tempo carrega o fardo do denominacionalismo protestante, que consiste em sua incapacidade de se reformar sem se dividir.

Outro ponto é a retórica do avivamento que ganhou grande parte da população chilena, até mesmo membros de outros segmentos do protestantismo e do próprio catolicismo devido à oralidade espiritual e à efervescência avivalista, como explica D'Epina:

o metodismo, o movimento religioso destinado na sua origem às massas populares abandonadas pelo clero oficial e apanhadas no torvelinho do surgimento da Inglaterra moderna, envolveu até ao nível de uma denominação respeitável frequentada por grupos de categorias sociais médias, tendo perdido seu misticismo emocional dos primeiros tempos e conservado somente uma piedade fira e moral estrita. E quando, no Chile, uma fração de fiéis se lança numa busca de natureza mística, parecida na sua forma e função ao metodismo primitivo, as autoridades eclesiásticas, sob a influência do liberalismo teológico e do nacionalismo do final do século dezenove, dirigem aos inspirados críticas semelhantes às que sofreram no seu tempo os irmãos Wesley de parte da hierarquia anglicana e da nobreza. (D'EPINAY: 1970, p. 55)

O argumento de que o movimento pentecostal é o verdadeiro avivamento que remonta às raízes do metodismo vai ser predominante no pentecostalismo chileno, o qual vai se expandir por meio de proselitismo e evangelização de incrédulos e vai sofrer várias divisões

devido a problemas com lideranças eclesiásticas e questionamento quanto ao caráter das autoridades pastorais.

3. Fatores do Crescimento Pentecostal

O movimento pentecostal conseguiu uma grande repercussão nos países latino-americanos, em especial no Brasil e no Chile. Fruto de trabalho missionário estrangeiro e de movimentos autóctones, cresceu rapidamente, tornando-se o maior segmento do protestantismo. Embora a resistência por parte das demais denominações protestantes e do próprio catolicismo censurasse o movimento, o pentecostalismo cresceu rapidamente em comparação aos demais segmentos do cristianismo. Há vários fatores registrados por historiadores e dados levantados por sociólogos. Neste trabalho vamos ressaltar apenas três que contribuem para a identidade pentecostal na América Latina.

3.1 Evangelismo e Oralidade.

Dentro da gênese do Pentecostalismo, há uma ênfase muito grande no trabalho de evangelismo ligado à oralidade¹². Embora outros segmentos do cristianismo utilizassem esse recurso para a propagação da fé cristã, há elementos que contribuem para o êxito numérico na expansão e adesão ao movimento pentecostal.

Dentro do conjunto doutrinário do movimento pentecostal, a ênfase no Batismo com o Espírito Santo dentro do contexto neo-testamentário ressalta o crescimento da Igreja primitiva após a descida do Espírito Santo no Pentecostes. Os pregadores e pastores pentecostais utilizavam a mesma retórica em suas pregações, de modo que a experiência pentecostal capacitava os fiéis para propagar as boas novas da salvação. Além da atração ao movimento pentecostal, causando um grande proselitismo, esses fiéis se empenhavam em propagar a mensagem da salvação aos incrédulos (POMMERING: 2015, p. 29).

Assim como a narrativa do livro de Atos é permeada por trabalho¹³ missionário e obras de evangelização, o movimento pentecostal tem como característica esse aspecto missional na expansão da fé cristã. O lema de algumas Igrejas pentecostais como a Assembleia de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) sintetiza a pregação pentecostal: Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará. O aspecto milenarista na pregação pentecostal é muito forte, e isso influencia diretamente a sua doutrina,

¹² Oralidade é um termo empregado em relação a sociedades inteiras que se utilizam da comunicação oral como base das relações entre pessoas e/ou grupos, sem o uso da escrita ou com uso restrito dela; bem como para identificar certo tipo e consciência criada pela oralidade. (OLSON & TORRANCE: 1995, p. 17).

¹³ Herança do sentido de Vocação com o qual a Reforma Protestante ressignificou a palavra trabalho como algo positivo e que glorifica a Deus

a ênfase na volta iminente de Cristo é um baluarte forte utilizado nas pregações, despertando os fieis ao trabalho de evangelização, e como recurso retórico nas mensagens e cultos com forte ênfase escatológica.

Esse aspecto do evangelismo é visível tanto no pentecostalismo chileno como no brasileiro, reiterando as bases do seu crescimento entre incrédulos, juntamente com a espiritualidade pentecostal que vai gerar um grande proselitismo, atraindo membros de igrejas presbiterianas, batistas, anglicanas, luteranas e do próprio catolicismo.

No caso brasileiro o crescimento está ligado à oralidade, boa parte dos pastores e pregadores são leigos (POMMERING: 2015, p. 29); o estudo formal e a formação teológica não são muito estimulados; no caso da Congregação Cristã, o estudo sistemático da Bíblia é rejeitado, não há seminários teológicos e nem literatura própria (FREESTON: 1994, p. 106). A Assembleia de Deus por muito tempo também possuía essa postura quanto ao ensino, sendo desestimulado pelas lideranças qualquer estudo teológico¹⁴, mas depois mudou sua postura quanto a isso, hoje ela possui vários institutos teológicos, Escola Dominical entre vários mecanismos para o aperfeiçoamento teológico dos obreiros, mesmo que seja tímido.

No caso chileno a prédica ao ar livre é marcante; um grupo de obreiros é enviado a locais onde a denominação não foi implantada e pregam nas ruas, nas casas em grupos em praças conforme D'EPINAY relata:

Mais tarde, através de pequenos grupos, os fiéis invadirão a aldeia ocupando pontos estratégicos: a praça principal, a estação, as paradas de veículos, as encruzilhadas mais frequentadas. O grupo canta acompanhado de instrumentos típicos tais como guitarras, bandolins, banjos; não é menor a surpresa que tem o viajante estrangeiro quando, atraído pelos ritmos vivos e sincopados, se aproxima para ouvir o verdadeiro folclore popular, e acaba reconhecendo os velhos hinos protestantes como um famoso coral de Lutero. (D'EPINAY: 1970, p. 95)

A pregação realizada por leigos também é uma forte característica dentro do pentecostalismo chileno e brasileiro, a propagação da palavra saiu do monopólio dos letrados e intelectuais. Nesta formulação o pentecostalismo ganhou uma grande proporção entre os mais pobres, com o discurso espiritual que sacia as necessidades materiais, o dualismo contra

¹⁴ A discussão sobre a necessidade da formação teológica na Assembleia de Deus começou cedo, quando o missionário Lawrence Olson propôs em 1943 a abertura de institutos teológicos, mas o Pastor Paulo Leivas Macalão protestou contra essa proposta, considerando uma ameaça à espiritualidade dos obreiros o contato com muito estudo e muita sabedoria. O irônico da história é que desde 1977 existe um seminário teológico da Assembleia de Deus em homenagem ao pastor Paulo Leivas Macalão.

as coisas do mundo, a busca por curas e pela salvação da alma, visto que o mundo está perto do fim, dentro da perspectiva escatologia pentecostal.

3.2 Um movimento de massas

Outro ponto claro no pentecostalismo é que ele é um movimento de massas, em pleno século XX, século das massas. O alcance extraordinário e rápido que ele vem alcançando é por desenvolver uma religiosidade que atende às necessidades das massas. O pentecostalismo surge como “resposta à incapacidade, por parte de católicos e protestantes, de dominarem e mobilizarem as massas” (POMMERING: 2015, p. 16).

O movimento pentecostal obteve um crescimento significativo entre os pobres, e adaptou-se para as necessidades comunitárias, adotando a oralidade como meio de propagação da fé, ao contrário do catolicismo e das denominações protestantes que mantinham uma cultura letrada avançada, com um corpo de pastores e presbíteros com alto grau de formação acadêmica, cultural e teológica. Como enfatiza Rolim:

Mas, se o pentecostalismo incipiente se encaminhava para as camadas mais baixas da população e tendia a suscitar no seio delas o sacerdócio leigo, esse projeto trazia de início uma dificuldade: como formar pastores com gente sem instrução? [...] Mas o pentecostalismo recusou semelhante processo. Rompeu assim, como o elitismo não só da Igreja Católica, mas também do protestantismo tradicional. (ROLIM: 1985, p. 64-65)

O pentecostalismo atingiu as massas brasileiras ao utilizar a mesma linguagem do leigo, e possibilitar a participação no meio eclesial (POMMERING: 2015, p. 18). As canções e pregações falam diretamente ao público, cânticos que absorvem elementos da cultura regional e pregações que utilizam linguagem simples na comunicação do evangelho. O crescimento majoritário dos templos é em camadas mais pobres da sociedade, o grande oponente é o catolicismo oligárquico e coronelista. Mas os cultos formais e liturgia europeia distanciaram as massas e as conduziram ao modelo pentecostal.

A emoção é um dos elementos que atrai as massas ao movimento pentecostal. Não carecendo de uma teologia refinada, os cultos carregados de emoção e da experiência religiosa são legados dessa tradição oral que marca o movimento conforme explica:

Os pentecostais tinham algo a oferecer, algo que fez vibrar pessoas letargadas pela monotonia e desesperança de sua existência. [...] Sua vida foi transformada, seu horizonte foi ampliado; a vida cobrou um significado dinâmico. A realidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – que não passavam de termos sentimentais ligados ao ritual e ao folclore – cobraram novo significado, tornaram-se meios pelos quais se

comunicavam luz, força e esperança ao espírito humano. Elas se transformaram em pessoas com um propósito para viver.¹⁵

3.3 Adaptação cultural

O movimento pentecostal, diferente de outros segmentos do cristianismo, conseguiu desde sua gênese a capacidade de absorver elementos da cultura regional na sua liturgia e prática eclesial, com isso o movimento conseguiu uma aderência maior nas periferias e um apelo maior junto aos pobres do que o velho protestantismo elitista e intelectualizado da classe média.

Como ROLIM afirma, “os templos pentecostais se constituíram, então, em espaços sociais onde a cultura popular se associou à religiosidade do povo.” (1985, p. 65). Diferente de outros segmentos do cristianismo, o pentecostalismo adaptou a liturgia e a sua oralidade aos padrões culturais regionais. Esses, por sua vez, influenciaram e tangenciaram a pregação, os cultos e os cânticos: “Cânticos populares, maneira simples de se exprimir, mesmo gramaticalmente errada, traziam para dentro dos templos a riqueza existencial das camadas pobres, suas angústias e alegrias, suas depressões e suas ânsias de libertação” (ROLIM: 1985, p. 66).

No caso chileno ocorreu a mesma coisa, como observou D’EPINAY: “o pentecostalismo chileno – inconscientemente também – operou metamorfose no cristianismo ocidental, com a sua aculturação espontânea ao meio ambiente, renovando ao mesmo tempo” (1970, p. 120-121). Essa capacidade de se adaptar culturalmente em resposta à religiosidade das massas, que não são letradas e não têm formação teológica refinada, resultou nessa transformação.

¹⁵ MACKAY, John A. Latin América and Revolution - II: The New Mood in the Churches, The Christian Century, vol. 82, n. 47, p. 1.439, 24/11/1965. In: BONINO: 2003, p. 53-54.

Considerações Finais

Após essa primeira onda¹⁶, o pentecostalismo passou por várias mutações. A primeira onda também é conhecida como pentecostalismo clássico, caracterizou-se pela busca pelo Batismo com o Espírito Santo e o falar em Línguas Estranhas. Expandiu-se rapidamente devido à forte ênfase na prática do evangelismo e no empreendimento de obras missionárias em locais remotos, dando prioridade aos pobres e leigos. A segunda onda do Pentecostalismo, segundo Paul Freston, é caracterizado na busca pela cura divina. Além dos princípios buscados e pregados no pentecostalismo clássico, as denominações ligadas a esse movimento vão empreender cultos ao ar livre, pregações em praças e as famosas “Tendas dos Milagres” atraindo multidões. Uma das denominações que representam melhor essa segunda onda é a Igreja Quadrangular do Evangelho (1951), fundada nos Estados Unidos pela missionária Aimée Semple McPherson e foi fundada no Brasil pelo missionário Harold Williams que deu início ao trabalho em 1953. Outro grande símbolo da segunda onda é a Igreja Pentecostal Deus é Amor, no Bairro Vila Mariana. Foi fundada em 1961 pelo missionário David, que era membro da Igreja O Brasil para Cristo surgida de um cisma da Igreja Quadrangular. A IPDA é conhecida pela dura rigidez quanto aos usos e costumes, e pelos espetáculos de exorcismo.

A terceira onda do Movimento Pentecostal começou nos anos de 1970, é caracterizada pela modernização nos meios de comunicação e *marketing*, com templos suntuosos nos centros da cidade. Sua Teologia é caracterizada como Teologia da Prosperidade, em que a forte ênfase no sucesso pessoal, na busca por riquezas e no discurso triunfalista é visível. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é a grande representante desse movimento. Além da IURD, existe a Igreja Internacional da Graça, fundada por Romildo Ribeiro Soares.

Na Terceira Onda, que está em constante transformação, surgiram várias denominações caracterizadas como Neopentecostais. O prefixo *neo* é utilizado para denominar essa nova ramificação do movimento pentecostal.

O legado do movimento pentecostal é visível na atualidade. A magnitude que o pentecostalismo atingiu em tão pouco tempo é resultado de um amplo conjunto de fatores sociais e religiosos, e alguns são explicados nesse trabalho. As contribuições que o pentecostalismo trouxe à nossa sociedade são expostas no cotidiano. Para se obter uma compreensão desse movimento multifacetado, é necessário conhecer as suas origens e seus fundadores, contribuindo para o conhecimento acadêmico na Universidade.

¹⁶ Divisão proposta por FRESTON (1994) para definir as ramificações do movimento Pentecostal.

Bibliografia

ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAUJO, Isael de. *História do Movimento Pentecostal no Brasil: o caminho do Pentecostalismo brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP* 67 (2005): p. 100-115.

CAMPOS JUNIOR, Luis de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas: estudo sociológico do protestantismo chileno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FERNANDES & MORAIS. Os Eua no Século XIX. In. KARNAL, Leandro, et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. Editora Contexto, 2007. cap. 2, p.99-172.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro in: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.p 67-159.

GONZÁLEZ, Ondina E. & GONZÁLEZ, Justo L. *Cristianismo na América Latina. Trad.: Valdemar Kroker*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HOLLENWEGER. Movimento de Santidade. In ENCICLOPÉDIA DO PROTESTANTISMO: Teologia, Eclesiologia, Filosofia, História, Cultura, Sociedade, Política: GISEL, Pierre (org.). São Paulo: Hagnos, 2016.

LÉONARD, Émile G., *Protestantismo Brasileiro*. Estudo de Eclesiologia e História Social. [Trad. Linneu de Camargo Schützer] 3ª edição, São Paulo: Aste, 2002.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário – Parte 1. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA*, v. 3, n. 1, 2011.

OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy (orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy (orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais, Joinville* 1.1, 2010, p. 23-62.

_____. Pentecostalidade e Pentecostalismo: Fatores de Crescimento Associados à Oralidade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais* 2.1, 2015.

SAGRADA, BÍBLIA. "Almeida Corrigida, Fiel (ACF)." *SP: Sociedade Bíblica do* (1994).

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

URTUBIA, Luis Alberto Orellana. La matriz religiosa del pentecostalismo en Chile: la Iglesia Metodista Pentecostal de Chile y la Iglesia Evangélica Pentecostal (1909-1973). *Memoria y Sociedad*, v. 20, n. 40, 2016.

VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.